



O fabular de Carlos Drummond de Andrade

Luís Gonzaga Marchezan

UNESP, São Paulo

Palavras-chave: conto, fábula, alegoria, ética.

Key-words: short story, fable, allegory, ethics.

Carlos Drummond de Andrade é um escritor da segunda fase do modernismo brasileiro. A sua poesia mostra-se, num primeiro momento, deslocada no espaço de Minas. Drummond de Andrade (2002: 4), numa ocasião, declarou sobre sua terra natal, Itabira: «É meu clima, limite, medula». A trajetória da sua poesia, assim, será a de colocar-se diante do mundo a partir de Minas. O espaço do conto de Carlos Drummond de Andrade, desde o seu primeiro livro – *Contos de Aprendiz*, é múltiplo, assim como é variada a sua temática. A sua crônica prendeu-se mais à cidade do Rio de Janeiro. A prosa de ficção de Drummond, a do seu conto, não é como sua poesia, ensimesmada. Lemos, porém, por vezes, na sua ficção, temas constantes que perpassam sua poesia, conto e crônica.

Drummond, desde muito jovem, escreveu contos. E contou casos, tanto em verso como em prosa. O prefácio do seu primeiro livro de contos mostra-nos um ficcionista ávido por histórias, ouvinte de histórias. Nele, enlevado, manifesta-nos, sem nomeá-la, uma fonte curiosa da sua inspiração ficcional, observadora e próxima da dicção da sua prosa. Esta fonte revelou-nos a proximidade de Drummond de Andrade (1973: 639) com as moralidades:

Nas histórias que ele nos contava, quando meninos, o que me prendia a atenção a ponto de fascinar-me, não era o enredo, o desfecho, a moralidade; e sim um aspecto particular da narrativa, a resposta de um personagem, o mistério de um incidente, a cor de um chapéu [...]

Ao lado destas circunstâncias que alimentam o seu processo de criação, não nos esqueçamos que Carlos Drummond de Andrade sabe ser rigoroso com a forma literária e que, no mesmo ano de 1951 em que lançou o seu primeiro livro de contos, *Contos de Aprendiz*, também compôs *Claro Enigma*, um livro em que responde às críticas da geração de 45, com uma poesia apurada, afeita à forma. Carlos Drummond de Andrade, no ano de 1951, parece-nos, quis tanto mostrar à vanguarda de 45 o seu domínio formal sobre a poesia, como, ao mesmo tempo, com contos de um aprendiz, revelar sua não preferência pelo formalismo, atitude que voltou mais ainda nossa atenção para as observações que fez no prefácio daquele seu primeiro livro de contos.

Esta análise, portanto, parte destas constatações e de uma hipótese: a forma literária que Carlos Drummond deu ao seu conto sustenta, em muitas passagens, moralidades, de modo proverbial, com certas máximas, comuns ao grupo social e com imagens do mundo animal.

As parábolas de Carlos Drummond de Andrade não se mostram, como sua poesia, centradas num determinado espaço, de forma puramente sensorial, numa elevação da alma, algo emancipado da inteligência, do intelecto. Poemas famosos seus mostram-se assim: «Poema de Sete Faces», «No Meio do Caminho», «José». Versos e estrofes, em muitas vezes, são explosões humoradamente dissonantes. Desse modo, na sua poesia, por meio de situações contrastivas, como naquelas narrativas acima, o poeta busca diferenças, faz com que o homem enfrente o mundo. A sua prosa de ficção não se mostra assim intrincada, assim exigente. O prólogo de *Contos de Aprendiz*, para nós, preponderantemente, mostra-nos a atitude do Carlos Drummond prosador.

Contos Plausíveis, de 1981, manifesta-se, a partir do prefácio do autor, mais ainda desprezioso e, acima de tudo, errático:

Há muita coisa a emendar em meus contos. Às vezes eles saem totalmente ao contrário daquilo que pretendiam contar (...) Certos contos, os mais simples, parecem inverossímeis (...) Tenho a impressão de que tudo pode mesmo acontecer em matéria de contos, ou melhor, no interior deles. (Andrade, 1981: p.1)

A trajetória da obra de Carlos Drummond de Andrade é inventiva. Carlos Drummond é um virtuose, exercita o talento. O texto de Drummond é elaborado pela gestão da inteligência e do humor. O humor de Drummond, quer na sua poesia, quer na sua prosa, sustenta para o enunciador uma forma vaga, fragmentada, surpreendente de ver o mundo. Desse modo, o efeito de sentido do humor, elíptico, fez-se, no seu conto, o construtor do inédito, na forma da anedota, momento em que Carlos Drummond de Andrade elabora, de maneira cômica, suas moralidades.

Contos Plausíveis, seu segundo livro de contos, convive mais de perto com a disposição mental do cômico e com um desenlace anedótico, alegórico até, porque ilustra, com a presença figurativa da natureza animal, um preceito, um ensinamento. O humor,

dessa maneira, no seu conto, está na elaboração do texto, consciente da sua função. O humor, enfim, é a solução da enunciação para a recepção da mensagem narrativa, para o seu reconhecimento, a sua valorização; quer enfatizar, para o leitor, a possibilidade do autoconhecimento.

O escritor, para o Carlos Drummond de Andrade cronista, tem «[...] não somente certa maneira especial de ver as coisas, senão também impossibilidade de vê-las de qualquer outra maneira» (Andrade, 1973: 845). Por isso, compõe, argumenta, consolase, mitiga sua inquietação. Assim:

[...] se a poesia é a linguagem de certos instantes, e sem dúvida os mais densos e importantes da existência, a prosa é a linguagem de todos os instantes, e há uma necessidade humana de que não somente se faça boa prosa como também de que nela se incorpore o tempo, e com isto se salve esse último[...] Não há muitos prosadores, entre nós, que tenham consciência do tempo, e saibam transformá-lo em matéria literária. (Andrade, 1973: 721)

Desse modo, e mesmo diante destas duas circunstâncias limítrofes que o ficcionista impõe ao seu processo criativo, o seu humor dissonante compôs, por exemplo, duas narrativas em que, do prosaísmo da primeira elaborou uma poesia – «O caso do Vestido»; com a segunda, para um livro de contos, lançou-a com a forma de uma poesia: «A Verdade Dividida». A primeira narrativa volta-se para um embate, no tempo, entre o amor e o desejo, suas marcas; a segunda ocupa-se com a opção, no tempo, de uma noção de verdade. Drummond é hábil, talentoso, arguto e, com isso, envolve-nos em suas ambigüidades.

O tempo, o que mais atrai este ficcionista brasileiro, ele assim o concebeu numa entrevista à revista *Caros Amigos*: «Eu considero a memória um repositório fabuloso de elemento, uma espécie de enciclopédia que nós temos dentro de nós, e que vai sendo utilizada ao longo da vida». (Andrade, 1999: 13).

Queremos, assim, agora, analisar o «repositório fabuloso» de Carlos Drummond de Andrade, não tanto aquele provido pela memória e configurado pelas marcas metonímicas do tempo, mas o desprovido destas figuras e ligado à moralidade, em narrativas sustentadas fora do tempo quantitativamente marcado. Queremos descrever, na ficção de Drummond de Andrade, procedimentos aparentes de um veio que nos mostra um autor fabulador. O Drummond fabulador narra, em forma de fábula, uma alegoria que ilustra um preceito. O humor, como anunciamos, transparece também nestes textos de Drummond em questão. O humor em Drummond é o seu deleite como indivíduo, como divíduo, mais exatamente, como alguém sempre dividido. Carlos Drummond é inconformista, conceitualista, com idéias que, muitas vezes, não passam por ponderações universais, objetivas, mas procuram ser comuns a todos os homens. O seu humor é o responsável pelo aperfeiçoamento dessa sua linguagem, pelas formas literárias que inspira.

É o que, para nós, demonstra o autor em seus dois livros de contos, os do aprendiz e os plausíveis; temos, nestes dois livros, um fabulador humorado, que situa o homem, por meio de moralidades, diante da natureza animal.

O repositório fabuloso de Drummond de Andrade constitui-se a partir do pré-literário, de um motivo logicamente ordenado e enredado com idéias, argumentos e imagens, próximo da matéria do mundo; esta, na enunciação do conto, não é importante, não é importada para o interior do seu texto. A fábula de Drummond não está condicionada a nada. As idéias do mundo, factuais, são marcadas. Carlos Drummond de Andrade, porém, quer ambientar os homens numa dada atmosfera fabulosa, sem o condicionamento do contexto.

A intencionalidade de Carlos Drummond de Andrade no seu texto em fábula revela-se convencional, da convenção da fábula. A fábula é idealista; ela, digamos assim, procura um efeito de sentido fábula. Ela vem da prosa grega do século VI a.C. Esopo, por meio de textos anônimos, fixou o seu modelo: um comentário, com apreciação e uma tomada de posição. A Retórica estudou na fábula a sua competência argumentativa, daí, provavelmente, a quantidade de fábulas parafraseadas e a difusão do seu modelo argumentativo. A fábula de Esopo é de fácil memorização; sua narrativa tem uma proposta, um argumento. A narrativa da fábula consiste na proposta de um argumento, ao lado de uma conclusão.

A palavra fábula vem no radical «faz», que significa fala; fala de um mito, fala de uma forma literária. Fábula, portanto, é um ato, uma ação, de fala, um diálogo entre interlocutores. Ela prevê um interlocutor e na sua mensagem mostra-se censura, aconselhamento e a exortação de alguma coisa, em que o narrar constitui-se como o meio de expressão do dizer. Fábula é o dizer de uma narrativa, de uma narrativa como fábula. Ela se sustenta por meio de um discurso narrativo, ao lado de outro, interpretativo, moralizante. A narrativa da fábula, dessa maneira, constrói uma demonstração.

A forma literária da fábula fixou um modo universal de construção discursiva. A eficácia da sua capacidade de argumentação trouxe para o interior do seu texto, relações intertextuais, parábolas analógicas, em que o fabuloso (imaginado e que não tem existência real) transparece numa situação em que a verossimilhança não é questionada e faz com que a narrativa não tenha a intenção de fazer com que o leitor entenda como normais os acontecimentos narrados: um mundo de faz-de-conta, que, por exemplo, dá animação aos inanimados. O leitor da fábula de Drummond pode renunciar ao entendimento do enunciado e deixá-lo intacto, ou pensar em suas parábolas alegóricas.

Lembremo-nos mais uma vez que *Contos de Aprendiz* é o primeiro livro de contos de Carlos Drummond de Andrade, lançado no mesmo ano de *Claro Enigma*, o da sua poesia mais elaborada, como também já dissemos. Nestas duas publicações, é necessário que observemos, já transparece o fabulador. Em *Claro Enigma*, Drummond de Andrade (1973: 238) faz com que um homem seja visto por um boi:

Um boi vê os homens

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rosto da tristeza chegam à crueldade.
Toda a expressão deles mora nos olhos – e perde-se
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.
Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade,
e como neles há pouca montanha,
e que secura e que reentrâncias e que
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,
permanentes e necessárias. Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isso se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós ?), sons que se despedaçam e tombam no campo
como pedras aflitas e queimam a erva e a água;
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

Trata-se da única narrativa de *Claro Enigma* em que o texto em versos não contém rima e seu ritmo mostra-se prosaico. Uma licença poética dentro de livro tão planejado; para nós, uma ênfase para uma preferência do autor. Nessa poesia, o homem, para o boi, é delicado e faltam-lhe atributos. Para o boi, os homens correm, esquecem-se – apresentam-se nobres, graves sinistros; não escutam, não enxergam, tornam-se tristes e cruéis; expressam-se pelo olhar, são frágeis, melancólicos, agitados, vazios; emitem «sons absurdos e agônicos». O homem não exercita os seus cinco sentidos; é insensível e, com sua inconstância, confunde o boi na sua vida de certezas; para o boi o homem nada ensina, nada há de fabular no homem. O boi nada aprende com o homem; não lê nele nenhum ensinamento.

Carlos Drummond de Andrade, como vemos, narra em forma de fábula. A fábula, quer em prosa ou verso, é uma narração alegórica; ilustra um preceito, um ensinamento, uma regra de proceder. Um bom fabulador, como Carlos Drummond, adapta sua

fábula em quaisquer formas literárias e, por meio de uma história composta com personagens animais, trama, intriga, com um desenlace humorado, chistoso.

Em *Rosa do Povo*, de 1945, no mesmo livro em que contou o seu «Caso do vestido», compôs «O elefante» (Andrade, 1973: 168). Nesta poesia o preceito da fábula transparece na intencionalidade: «Fabrico um elefante de meus poucos recursos», são os versos iniciais do poema, condutor de uma voz poética que observa um elefante, na sua «massa imponente e frágil», em «passo desastrado», «à procura de amigos, num mundo afastado que já não crê nos bichos e duvida das coisas». Temos, assim, uma poesia, que, ao observar um elefante, representa o mundo humano, comparando o animal, desamparado, a um homem qualquer, o que não encontra «o de que careça, o de que carecemos». Satisfaz-se, assim, aquela voz poética, em dividir-se, a fim de buscar, «eu e meu elefante, em que amo disfarçar-me», a visão de mundo do bicho, pelos próprios olhos do bicho: «onde se deposita a parte do elefante mais fluida e permanente, alheia a toda fraude».

Constitui-se, dessa maneira, de forma parabólica, alegórica, a fábula de Carlos Drummond de Andrade; ela provém do ethos, da força do caráter do falante, do humor de Drummond, da composição do seu argumento, que busca confortar, consolar seu leitor.

Em *Contos de Aprendiz*, no conto «Meu companheiro», o fabular de Carlos Drummond de Andrade (1973: 674) pondera que há, pode haver, entre os homens e os animais, «um pacto de mútua comisseração e aliança». Acontece que, com esse pacto, humoradamente, os homens aprendem com os animais e o inverso não acontece (como no caso das poesias recém-comentadas). O homem, tanto nas poesias como no conto que lembramos, é insensível, embrutecido, bestial; não exercita as qualidades de uma pessoa: idéias, princípios.

Carlos Drummond de Andrade fabula e, como desenlace, promove o chiste. Esta é a relação que Drummond quer com o seu leitor. A fábula de Carlos Drummond busca o chiste, o efeito de sentido dissonante que contém o chiste, o de: «desatar os laços, desfazer os nós». (Jolles, 1976: 207). O anedótico desfaz o nó da intriga e provoca um desenlace inédito, por meio de uma inversão da expectativa de leitura: os animais querem aprender com os homens, porém, não têm o quê; os animais querem ser amigos e, até, preocupam-se com os homens, mas nunca são correspondidos no seu afeto. O homem trai tanto a sua natureza como a do animal, de acordo com o que transparece na fábula de Carlos Drummond.

O desenlace do chiste nas fábulas de Carlos Drummond de Andrade não cursa o caminho da sua poesia, pelo término da inteligibilidade da linguagem, pelo término da intenção de comunicação lingüística, com o fito de desfazer o elo de credibilidade entre o texto e o seu leitor. A intenção do chiste da fábula de Drummond é a de desenlaçar e julgar o contrariado, reprovado, lamentável homem. O chiste nutre-se da insuficiência do seu objeto, o homem, no caso, matéria do inconformista Carlos Drummond.

Houve um momento, na sua crônica, em que o homem, seu protagonista, enfrentou o animal; precisou sacrificá-lo. Em «Caso de canário», de *Cadeira de Balanço*, livro de 1966, o protagonista é levado pelas circunstâncias a matar um velho e, aparentemente, doente canário. O que fez, com pesar e comiseração. Dopou-o com éter, torceu o seu pescoço, jogou-o na lata de lixo. Mas eis que o velho canário supera toda a violência de que foi vítima e ressuscita. E, por fim, promove, na narrativa, uma máxima: «Ele estava precisando mesmo era de éter – concluiu o estrangulador, que se sentiu ressuscitar, por sua vez» (Andrade, 1973: 1082).

O homem, sempre frágil, como vimos acima, quer aprender até com um malogrado ritual de sacrifício. O malogro realiza-se, para o homem, como a dádiva no sacrifício. O homem tende para atitudes malogradas e precisa, no mínimo, de atenção: o velho canário, à beira da morte, ressuscitou os ânimos do seu carrasco. O fabulador Carlos Drummond, nesse momento, dissolve, com chiste, a austeridade, severidade da fábula, dando-nos um desenlace distendido, e, mais uma vez, anedótico. Ou, como viria, tempos depois refletir o autor:

Assim como os antigos moralistas escreviam máximas, deu-me vontade de escrever o que se poderia chamar de mínimas, ou seja, alguma coisa que, ajustada às limitações de meu engenho, traduzisse um tipo de experiência vivida, que não chega a ser sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver [...] São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso e surpreendente. (Andrade, 2005).

O olhar avesso sobre as coisas do mundo, sem dúvida, vem da inspiração de um «anjo torto» que sempre guiou o ficcionista e que se acentua em *Contos Plausíveis*, livro que nos mostra Carlos Drummond de Andrade distanciado de uma melancolia da impotência, de uma tristeza indefinida, que o liberta do seu inconformismo. Inúmeros são os contos deste livro, plausíveis para a leitura de uma fábula. O tamanho deles é um traço que os diferencia de todos os outros textos em prosa de Drummond. Ao lado das ponderações que fizemos no parágrafo anterior, algo diferencia esse seu fabular de outras fábulas produzidas; algo, forte no seu fabular, recorrente, permanece: a observação que os animais fazem dos homens, agora, por meio de um narrador mais próximo da fábula, o que pondera. Vamos a um exemplo (Andrade, 1998: 112):

O homem observado

O pardal pousou na janela e ficou espiando o interior do quarto, onde havia muitos livros.

O homem, debruçado sobre a mesa, não percebeu a chegada do pardal. Ao olhar distraidamente na direção da janela, viu o pássaro imóvel e observador.

O homem não se alterou. Prosseguiu no trabalho, que era o de tirar coisas invisíveis da cabeça e colocá-las no papel.

O pardal prestava atenção ao movimento do braço e da cabeça, que às vezes fazia um sinal afirmativo, outras negativo. Também reparou que os lábios dele ora se contraíam, ora esboçavam sorriso.

Nisto se passou bem meia hora. O pardal não tinha pressa, e o homem continuava na sua operação. De repente, o homem pegou do papel onde botava as coisas invisíveis que tirava do cérebro e, com um gesto brusco, fez dele uma bola e atirou-a ao chão.

– Diabo desse pardal que não deixa escrever o que eu quero ! exclamou.

– Eu estava achando linda a brincadeira desse homem, e ele me assustou – queixou-se o pardal, batendo em retirada.

Carlos Drummond de Andrade (1998: 25), com seu humor dissonante, ilustra-nos, agora, neste conto abaixo, por meio de outra fábula, a falta de lógica que há em torno dos juízos de valor: o homem é passional e, com isso, mais uma vez, contraria o animal. O Drummond fabulador argumenta com o plausível, o verossímil e age sobre a emoção do seu leitor; quer, por meio de sentidos morais, como em *Contos Plausíveis*, adesões:

A mudança

O homem voltou à terra natal e achou tudo mudado. Até a igreja mudara de lugar. Os moradores pareciam ter trocado de nacionalidade, falavam língua incompreensível. O clima também era diferente. A custo, depois de percorrer avenidas estranhas, que se perdiam no horizonte, topou com um cachorro que também vagava, inquieto, em busca de alguma coisa. Era um velhíssimo animal sem trato, que parou à sua frente.

Os dois se reconheceram: o cão Piloto e seu dono. Ao deixar a cidade, o homem abandonara Piloto, dizendo que voltaria em breve, e nunca mais voltou. O animal inconformado procurava-o por toda a parte. E conservava uma identidade que talvez só os cães consigam manter, na terra mutante.

Piloto farejou longamente o homem, sem abanar o rabo. O homem não se animou a acariciá-lo. Depois, o cão virou as costas e saiu sem destino. O homem pensou em chamá-lo, mas desistiu. Afinal, reconheceu que ele próprio tinha mudado, ou que talvez só ele mudara, e a cidade era a mesma, vista por olhos que tinham esquecido a arte de ver.

Para o Carlos Drummond de Andrade fabulador, de *Contos Plausíveis*, a rima não é mais a solução, nem o humor autodefesa. No âmbito do seu fabular, o autor dá voz aos bichos, liberta-se do seu inconformismo, e, nos moldes do chiste, «desata coisas, que desfaz nós» (Jolles, 1976: 206). As suas fábulas emitem juízos distanciados da memó-

ria. Dessa maneira, o espaço familiar, os valores familiares, o conhecido, próprios do universo da poesia drummondiana, cedem o seu lugar para o excêntrico, o estranho, o novo. A «vontade de sofrer», o «hábito de sofrer», o «alheamento», esses comportamentos não mais se realizam, não compõem a realidade textual configurada por Carlos Drummond no seu fabular. A sua poesia celebra o local, o individual e o privado, o público e o universal; configura os limites de uma voz poética, reflete esses limites, que contam com «apenas duas mãos e o sentimento do mundo» e presos ao «tempo presente, os homens presentes, à vida presente».

A prosa da fábula drummondiana troca, por seu turno, a metáfora, a metonímia, configuradoras do memorável na sua poesia, pela alegoria, pela parábola alegórica. Conforme Dezotti (2003: 22, grifo do autor):

Para usar uma narrativa como fábula basta que ele [o fabulador] a configure como um discurso alegórico, ancorando o «outro» significado ao seu contexto de enunciação. Essa vinculação obriga o ouvinte a não só compreender a narrativa mas também a interpretá-la, buscando pontos de contato significativos entre ela e a situação discursiva que motivou sua enunciação. Esse trabalho de interpretação pode ser realizado pelo próprio enunciador da fábula, quando ele mesmo fornece uma moral para a narrativa.

Drummond troca, dessa maneira, lembranças acumuladas do cotidiano, retidas na memória – angústias, inquietações –, pelas sensações que, por meio do fabuloso, estimulam sua ficção. Sua motivação poética, confessou, sempre foi «tentar resolver, através de versos, problemas existenciais internos» (Andrade, 2002).

Memória, existencialismo e fábula, como vemos, são motivos que sempre compuseram as narrativas de Carlos Drummond de Andrade. Com seus versos, conforme confessa, traduz, no tempo, sua visão de mundo a partir do cotidiano. E, para nós, ficam dessa atitude, suas idéias inesquecíveis, imortais, as de um poeta imortal, justamente porque inesquecíveis. A prosa fabular de Drummond traz a vontade de fazer juízos de valor: impulsos e sensações que exprimem sentidos morais daquele que, em poesia, emitiu juízos sempre aquém de suas expectativas. Nas fábulas de Carlos Drummond de Andrade, na ação voluntária que inspira suas fábulas, perpassa uma ética pessoal, um equilíbrio entre a «vontade subjetiva e a vontade objetiva cultural» (Chauí, 1994: 347), momentos atravessados pelo humor, sem dúvida, mas que dão exatamente o tamanho das suas «mínimas [...] resultados de viver» (Andrade, 2005). A poesia de Carlos Drummond de Andrade e o seu fabular, juntos, convenhamos, compõem a função humanizadora da sua ficção.

Bibliografia

- ANDRADE, Carlos Drummond de (1973). *Poesia completa e prosa*. Edição organizada pelo autor. Rio de Janeiro.
- (1998). *Contos Plausíveis*. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Record.
- (1999). «Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade». Entrevistador: José Arbex Jr. *Caros Amigos* 29, 13.
- (2005). *O avesso das coisas*. Disponível em: <<http://www.carlosdrummond.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2005.
- CHAUÍ, Marilena (1994). *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.
- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (Org.) (2003). *A tradição da fábula*. São Paulo: Ed. Unb.
- DOMENICH, Mirella (2002). «Fiz da poesia um sofá de analista». *Folha de S. Paulo*, 22/08/2002.
- (2002). «Mineração destruiu cartão-postal». *Folha de S. Paulo*. 22/08/2002.
- JOLLES, André (1976). *Formas simples*. São Paulo: Cultrix.

Resumo: Este trabalho elege o fabular de Carlos Drummond de Andrade como um modo de manifestação do seu *ethos*, da sua ética pessoal.

Abstract: This study has selected Carlos Drummond de Andrade's effabulation as a way of displaying his *ethos* and his own values.